

A PANDEMIA DA INATIVIDADE: As ferramentas digitais como instrumento de atuação

Hélder Lopes^{1,2}, Élvio Gouveia^{2,3}, Ana Rodrigues^{1,2}, Cíntia França^{1,2,3}
& Hélio Antunes^{1,2}

¹ Departamento de Educação Física e Desporto da Universidade da Madeira, Portugal. hlopes@staff.uma.pt

² CCIDESD – Centro de Investigação em Desporto, Saúde e Desenvolvimento Humano, Portugal.

³ Interactive Technologies Institute/LARSyS, Portugal.

Introdução

Uma das principais medidas de combate à COVID-19 em 2020 e 2021 foi o distanciamento físico e social. Parece ser consensual que quase ninguém, pessoas e instituições, estava verdadeiramente preparado para o impacto de tais constrangimentos. O sistema educativo, obviamente, não foi exceção. O ensino a distância, em certos momentos, passou a ser praticamente a única forma disponível, em tempo útil, para que o processo pedagógico funcionasse. Porém, os constrangimentos foram muito grandes, colocando em evidência carências de base.

A título de exemplo, num estudo realizado por Rodrigues et al. (2021), na Região Autónoma da Madeira, sobre as principais dificuldades com a implementação e utilização de novas tecnologias no contexto de ensino a distância os alunos apontaram: Dificuldade em visualizar, compreender, e/ou ter auxílio do professor principalmente nas primeiras utilizações (100%); Dificuldade em concentrar-se porque existiam elementos exteriores, em casa, que provocavam distração (85,7%); Dificuldade em aceder a ferramenta e/ou limitações na utilização da rede de internet (85,7%); Limitações materiais, nomeadamente de acesso ao computador, muitas vezes partilhado com outros elementos do agregado familiar (57,1%). Sendo o seguinte depoimento deverás esclarecedor: “(...) o meu pai está em teletrabalho a minha

mãe está em teletrabalho e tanta gente a utilizar a net acaba por provocar falhas não só a um, mas a todos, o que prejudica.”

Todavia, existem fortes evidências que à medida que as dificuldades “técnicas e sociais” de acesso foram sendo mitigadas, o ensino a distância acabou por ter algum sucesso, nomeadamente onde o processo pedagógico não está centrado no aluno, nas suas necessidades e motivações, mas sim nos programas e na transmissão de conhecimento pronto a consumir. Nesses casos, o grande desafio parece ter sido que os alunos tivessem a câmara do computador ligada e o microfone desligado para não perturbar o pretensão “bom desenrolar da aula”. Obviamente, esquecendo-se que já não estamos a preparar para a cadeia de montagem, não se podendo continuar na lógica de “primeiro tens de saber isto... depois logo pensas”, mas sim ajudar o aluno a ir à procura de como pode resolver problemas, pois para “ter/desenvolver um sentido crítico. Temos de analisar, pôr em causa e testar. Mas atenção, não se trata da “forma de dar uma aula”, presencialmente, por Skype, etc. É a lógica do processo que tem de mudar, de ser outra. E isso é que é difícil” (p. 59) como nos alertavam Lopes et al. (2014) há quase uma década.

Ora, no sistema educativo a área da Educação Física, foi naturalmente uma das mais afetadas ao nível das dinâmicas do processo pedagógico, porque em função dos princípios ativos que possui, dos comportamentos que solicita, das adaptações que pretende promover e das consequentes transformações que se almejam, tal dificilmente se compatibiliza com um processo pedagógico essencialmente centrado na transmissão de conhecimentos. Assim, com este trabalho, de uma forma sucinta, pretendemos partilhar algumas das soluções encontradas ao nível da Educação Física em tempos de pandemia.

Operacionalização

De forma a atenuar e superar os constrangimentos específicos colocados à disciplina de Educação Física, foi necessário, num curto espaço de tempo e com poucos recursos materiais, criar e adaptar ferramentas digitais que permitissem desenvolver as capacidades e potencialidades dos alunos e não deixassem agravar a pandemia silenciosa da iliteracia motora e da inatividade física.

Em múltiplos contextos, de forma isolada ou em grupo, os professores viram-se na necessidade de desenvolver material pedagógico para que os

alunos utilizassem através de plataformas como o Microsoft Teams e o Zoom, por exemplo, de forma síncrona e assíncrona: - Vídeos com algumas coreografias e demonstração de exercícios passíveis de serem realizados; - Documentos de estudo com descrições, explicações e análises de algumas matérias de ensino, utilizando, por exemplo hiperligações para sites e outro material já produzido noutros contextos, como o desportivo; - Ferramentas digitais temáticas (com a uma sistematização intuitiva permitindo a seleção de exercícios a realizar de forma adaptada a cada aluno; Links com temáticas específicas; etc.

A título de exemplo, com a ferramenta didática digital para trabalhar a aptidão Física desenvolvida por Gonçalves et al. (2022), baseada e adaptada do FitEscolas (2022), programa que tem como um dos objetivos avaliar a aptidão física e a atividade física de crianças e adolescentes (para o efeito, integra uma bateria de testes dividida em três áreas, a Aptidão Aeróbia, a Composição Corporal e a Aptidão Neuromuscular), foi possível, que os alunos, com o apoio dos professores, durante as aulas a distância (síncronas e assíncronas) e posteriormente nas aulas presenciais, selecionassem de forma personalizada os exercícios que mais se adequassem às suas necessidades, capacidades e aos meios e tempo disponível para a sua realização.

Esta ferramenta foi aplicada a um total de 44 alunos, 6 do sexo masculino e 38 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 17 e os 19 anos, de duas turmas do 12.º ano de escolaridade de uma Escola Secundária da Região Autónoma da Madeira. A ferramenta foi ainda disponibilizada ao grupo de Educação Física da Escola.

Foi possível concluir que a perceção dos alunos, seja no ensino a distância, seja no presencial foi muito positiva e favoreceu, nomeadamente o desenvolvimento de competências ao nível: Do domínio sócio afetivo (perceção dos alunos); Da aptidão aeróbia e da aptidão neuromuscular dos alunos (Antunes et al., 2021) De salientar que esta ferramenta interativa pode ser enriquecida, pelos professores e pelos alunos ao longo do ano letivo ou nos anos letivos seguintes.

No fundo, com as diferentes soluções que foram encontradas em tempos pandémicos, mais uma vez foi evidente que é possível criar material pedagógico, por exemplo, manuais digitais realizados na própria escola/conjunto de escolas, só por professores, por professores e alunos, através de processos inclusivos onde é possível contribuir com informação, conhecimento e sabedoria, colocando à refutação dos pares, desenvolvendo assim a pesquisa fundamentada, o espírito crítico, o debate coerente e assumido

... ou será que, por exemplo, queremos continuar a gastar (desperdiçar) dinheiro em manuais escolares (mesmo que digitais)?

Conclusão

A perceção dos alunos sobre as mais-valias de algumas das dinâmicas e ferramentas utilizadas em tempo de pandemia, é um excelente indicador das potencialidades das ferramentas digitais, como complemento ou em alternativa (de recurso) às aulas presenciais.

Os resultados efetivamente obtidos em algumas das vertentes da Educação Física, dão suporte à necessidade de desenvolver e monitorizar a utilização das tecnologias e do apoio laboratorial no processo pedagógico habitual e não apenas em tempos de crise.

Contudo, não basta mudar alguma coisa para que tudo fique basicamente na mesma, tem de existir uma rotura no processo pedagógico, ou seja é necessário trabalhar em cima do que o aluno sente e necessita e não na transmissão de conhecimento, que apesar de ter sido útil no passado já não é rentável nem funcional num mundo em acelerada mudança.

Ora, isso não será possível sem que exista uma mudança (de percurso e não apenas de discurso) para um quadro de referência onde educar seja efetivamente desenvolver as capacidades e competências de cada aluno. Mas será que aprendemos alguma coisa com a pandemia? Pelo menos ao nível do processo pedagógico, as evidências não são muito promissoras.

Referências bibliográficas

Antunes, H. Lopes, H., Gonçalves, D., Mendonça, L., Nóbrega, M., Rodrigues, A., Alves, R., Correia, A., & Gouveia, E., (2021). A Utilização de Ferramentas Didáticas Digitais nas Aulas de Educação Física. *Journal of Sport Pedagogy & Research*, 7(5), 34.

FitEscola (2021). Direção Geral de Educação. Ministério da Educação e Ciência. <https://fitescola.dge.mec.pt/home.aspx>

Gonçalves, D., Mendonça, P., Antunes, H., Nóbrega, M., & Lopes, H. (2022). Ferramentas didáticas digitais na Educação Física: Um exemplo de operacionalização. In H. Antunes, A. Rodrigues, R. Alves, É. Gouveia, A. Correia & H. Lopes (Coords.), *A Educação Física e o Ensino à Distância: Limitações e Potencialidades* (pp 147-157). Imprensa Académica da Madeira.

Lopes, H., Prudente, J., Vicente, A., & Fernando, C. (2014). Uma Mudança Coerente no Ensino Superior: A Ferramenta Processo Pedagógico. *Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto*, 1(5), 55-60.

Rodrigues, A., Antunes, H., Alves, R., Correia, A., Lopes, H., Gouveia, E., Sousa, D., Prudente, J., & Sabino, B. (2021). O Papel das Tecnologias no Ensino à Distância: A Opinião dos Alunos. *Journal of Sport Pedagogy & Research*, 7(5), 33